

09 lobo
315/97 9
v 11067

O ostracismo de Mário Juruna, o índio do gravador

Cacique xavante, que foi deputado federal pelo PDT, está internado com pneumonia, pancreatite e problemas cardíacos

Arquivo/27-1-77

Isabel de Paula

BRASÍLIA. Ele ficou conhecido pelo gravador no qual registrava suas conversas com os brancos, para depois cobrar as promessas não cumpridas. Também foi o primeiro e único índio a se eleger deputado federal. No ostracismo desde que não conseguiu se reeleger, em 1986, o cacique xavante Mário Juruna, de 55 anos, está internado no Hospital de Base de Brasília (HBB) em estado delicado de saúde. Vítima de pneumonia, agravada por infecção urinária, pancreatite e problemas de coração, Juruna está desde terça-feira na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do HBB.

Juruna vinha demonstrando nos últimos anos, segundo parentes, cansaço e desânimo, além de estar acometido por doenças como diabetes, hipertensão e reumatismo. O filho Diogo, de 23 anos, que visitou o pai na UTI, disse que o assassinato do índio pataxó Galdino dos Santos, há duas semanas, pode ter contribuído para piorar o estado de saúde dele.

Diogo lembrou que Juruna participou, no domingo, do ato público em memória de Galdino na Praça do Compromisso, próximo ao local onde o índio foi queimado vivo. Gripado e cansado, Juruna voltou para casa sentindo dores no peito. Vivendo apenas com dois dos 12 filhos (Vitória e Flávio), resistiu a ir ao médico. Na terça-feira, no entanto, seu estado piorou e ele foi levado para o HBB, onde um exame de raio X confirmou a pneumonia.

Boletim médico assinado pelo chefe da UTI do HBB, Renato Viscardi, divulgado ontem, afirma que Juruna, paciente diabético cardiopata, sofre de quadro infeccioso com comprometimento pulmonar, renal e pancreático.

Segundo a direção do hospital, o cacique continuará internado até que esteja em condições físicas de voltar para casa.

Juruna mora numa casa simples na cidade-satélite de Guará II e gastou todo o dinheiro que lhe sobrou na tentativa de se reeleger, em 1986. Depois de um período desempregado, conseguiu do PDT um emprego na Câmara e na Assessoria da Presidência da Fundação Nacional do Índio (Funai). Mas desde que começou a ter problemas de saúde praticamente não vai ao emprego. Chegou a pensar em voltar para a aldeia Namunkurá, na reserva de São Marcos (MT), onde vivem quase todos os seus parentes, mas acabou ficando em Brasília, porque precisa de acompanhamento médico.

Filho diz que Juruna está confiante em sair do hospital

Diogo, que mora na aldeia e veio a Brasília só para visitar o pai, contou que ele está confiante em deixar o hospital. Embora estivesse muito fraco, Juruna conversou com o filho, perguntou pela família e pediu que fizessem pensamento positivo para que ele saia da UTI e volte para casa.

Antes de se tornar deputado, Juruna representou os índios brasileiros em Rotterdam durante o 4º Tribunal Bertrand Russel, do qual foi presidente. Como político, continuou a usar o gravador, porque segundo ele, as autoridades não respeitavam suas próprias palavras. Tanto que publicou, em 1983, o livro "O gravador do Juruna", no qual listou as muitas promessas feitas — e não cumpridas — aos índios por dirigentes da Funai e pelos próprios parlamentares.

Em 1983, Juruna quase foi casado, porque, em discurso na Câ-

mara disse que para ele "todo ministro é corrupto, todo ministro é ladrão, todo ministro é sem-vergonha, todo ministro é mau caráter". O Governo pediu sua punição, que acabou sendo apenas uma censura escrita da Mesa.

Na campanha presidencial de 1985, em que o presidente seria eleito indiretamente, pelo Congresso, Juruna denunciou ter recebido de Calim Eid, coordenador da campanha do candidato do PDS, Paulo Maluf, uma proposta de compra do voto.

O cacique ganhou o nome de Juruna porque seu pai quis homenagear os amigos de outra tribo — a juruna — que também vive em Mato Grosso. Sem saber, acabou recebendo o nome de um povo em extinção, do tronco tupi. Eles se autodenominam yudjá, mas juruna significa, em tupi-guarani, "bocas pretas", porque sua pintura era uma linha que descia da raiz dos cabelos e circundava a boca.

Na metade do século XIX havia uma população estimada de dois mil índios, que viviam no baixo Rio Xingu. Um grupo migrou para o alto do rio, hoje em território do Parque do Xingu. Segundo levantamento de médicos da Escola Paulista de Medicina, que prestam serviços aos índios do parque, em 1990 havia apenas 132 jurunas. Alguns ainda vivem dispersos na margem direita do médio e baixo Rio Xingu e há 22 índios, segundo dados da Funai de 1990, que vive na Volta Grande do rio, numa pequena área chamada Paquiçaba, em Senador José Porfírio, no Sudeste do Pará. O futuro desses sobreviventes é incerto: suas terras serão atingidas pela construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. ■

COLABOROU Leandro Fortes



MÁRIO JURUNA, com o gravador, registra a conversa com um assessor do então presidente Figueiredo, em 1977